

EFEITOS DA TELEVISÃO SOBRE O COMPORTAMENTO DA CRIANÇA DE 08 A 12 ANOS DE IDADE

TAVARES, Giselly da Silva¹
GOMES, Maria Amábia Viana²

Resumo:

O presente trabalho surge da reflexão de que diante das realidades encontradas nas salas de aula e, sobretudo, nas comunidades, onde as ações das crianças não reconhecidas como delas próprias, sendo essas ações constatadas por educadores ou pelos próprios pais e/ou observadores, faz-se necessário compreender a influência negativa da televisão sobre o modo de comportamento das crianças hoje em dia. A adoção de postura passiva, acrítica ante a TV e os comportamentos agressivos são problemáticas examinadas como sendo decorrentes do exagero de exposição à mídia televisiva e da ausência de acompanhamento dos pais durante a fase crítica de desenvolvimento da criança entre 08 e 12 anos de idade, ainda que esse quadro não seja algo estático, mas que pode e precisa ser modificado através da promoção de leitura crítica das imagens e palavras e de posicionamento ativo dos fomentadores de educação: os pais, a escola e a comunidade.

Palavras-chave: Televisão; Crianças; Influências; Comportamento; Violência.

INTRODUÇÃO

Em virtude das inúmeras alterações de comportamento das crianças nos últimos anos, buscamos verificar uma das possíveis causas dessas ocorrências. As atitudes agressivas, a ausência do ato reflexivo, a adoção de posturas e práticas não-condizentes com a faixa etária em que estão, seriam decorrentes da exposição demasiada às influências negativas da televisão?

No vídeo de ³Mário Sérgio Cortella intitulado “A criança em seu mundo”, ele cita que assistindo a uma dada programação da National Geographic, teve ciência de que as crianças,

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade da Cidade de Maceió – FACIMA

² Pedagoga; Pós-graduada em Coordenação Pedagógica do Ensino Fundamental e Médio; Mestra em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas; Docente do Curso de Pedagogia de Instituição de Ensino Superior; Coordenadora Pedagógica de escola pública municipal; Professora dos cursos de Letras e Ciências Biológicas na modalidade da Educação a distância do Instituto Federal Tecnológico de Alagoas – IFAL/UAB - Email: amabiaviana@gmail.com

ao ingressarem no 1º ano do ensino fundamental já têm assistido cerca de cinco mil horas de programas televisivos, dos mais variados possíveis - desde os de público-alvo infantil até os programas destinados aos adultos - salientando que também pode não haver por parte da família um critério seletivo em relação às programações. Quais os possíveis motivos para tais acontecimentos?

Sampaio (2004) é quem relata uma tendência crescente de consumo de programação adulta pelos infantes. Em 1995 em uma pesquisa realizada pelo IBOPE na cidade de São Paulo, apurou-se que dos dez programas mais assistidos pelas crianças, nenhum tinha o perfil infantil, mas se tratavam de shows, programas jornalísticos, humorísticos, novelas e filmes. Pereira Júnior (2002) fundamentado em pesquisas do IBOPE, revela que cerca de 14% dos telespectadores que assistiram novelas em 1999 eram crianças menores de 9 anos de idade. Desse modo, os programas adultos passaram a reunir em suas programações elementos que atraíam as crianças e conforme destaca Sampaio (2004), a mídia passa a introduzir crianças como protagonistas de novelas, entrevistadores e entrevistados, miniastros musicais, garotos-propaganda.

A TELEVISÃO E AS CRIANÇAS NA ATUALIDADE

A quinta edição da Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) no Brasil aponta que a televisão está presente em cerca de 98% das casas no país. Por este motivo, é o meio mais utilizado para difundir ideias, mensagens, fazer apelações ao consumismo, ao erotismo, aos vícios e a toda sorte de malefícios aos ouvintes-videntes.

White (1993) apud Boyer (1991) afirma que a televisão possui duas faces, sendo elas positiva e negativa. Ao saber utilizá-la, inúmeros benefícios podem ser obtidos para o desenvolvimento e formação do indivíduo. Por outro lado, partindo do ponto de vista negativo, os exemplos reais da influência da televisão, especialmente na vida dos pequenos entre 08 e 12 anos de idade neste século, são as exibições constantes de propagandas que enfatizam “compre isso ou aquilo”, “peça à mamãe ou ao papai um produto deste ou

³ Filósofo brasileiro, mestre e doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde também é professor-titular do Departamento de Teologia e Ciências da Religião e da pós-graduação em Educação (Currículo), além de professor-convidado da Fundação Dom Cabral e do GVpec da FGV-SP.

daquele”, deixando claro o apelo do mundo capitalista e consumista ao seu mais jovem público-alvo: as crianças de hoje serão os jovens e adultos de amanhã.

A famosa propaganda do chocolate *Batom Garoto* feita em meados dos anos 90 é uma das mais marcantes na memória das crianças daquela época. No comercial havia uma menina com uma toalha na cabeça, sentada segurando um chocolate Baton pendurado a um fio, em gesto de hipnotizadora. Ela dizia: "Amiga dona-de-casa, olhe fixamente nesse delicioso chocolate. Toda vez que a senhora sair de casa com seu filho, vai ouvir minha voz dizendo: 'Compre Baton. Compre Baton. Seu filho merece Baton' Agora a senhora vai acordar." Ela estala os dedos e continua dizendo: "[...] mas vai continuar ouvindo minha voz: Compre Baton [...]". O locutor então diz: "Baton. O chocolate da Garoto que não sai da boca, nem da cabeça."

Esses valores de consumo transmitidos pela publicidade e dirigidos às crianças são prejudiciais, pois elas ainda não dispõem de maturidade suficiente para identificar nem compreender seu caráter persuasivo. Cádima (1997) destaca que a criança está desprotegida das mensagens televisivas devido a um analfabetismo audiovisual natural. Também ressalta que a partir dos cinco anos de idade essa criança inicia o processo de diferenciação entre mensagens comerciais de outros gêneros de informação, mas que somente a partir dos 11 anos é que essa diferenciação se completa.

Outro exemplo a ser considerado são as cenas eróticas, que se tornam cada vez mais comuns em nosso meio e cujo resultado tem sido revelado no momento em que os pais necessitam comprar roupas/acessórios para seus filhos menores de 12 anos, quando os mesmos escolhem como itens atraentes as “roupas de adulto” ao invés das “roupas de crianças”. Tudo parece muito natural e leva a evidências de um desenvolvimento precoce para a vida adulta, incitando glamour, vaidade, erotização com a finalidade de inserir esses indivíduos e torná-los aceitos pela sociedade. A influência negativa dos mais variados apelos promovidos na televisão contribui para diversos outros males como a formação de crianças egoístas, individualistas, chantagistas, manipuladoras.

As relações sociais entre crianças estão sendo afetadas à medida que os flertes, os namoros, as paixões estão cada vez mais presentes na rotina de meninos e meninas em fase escolar, que desejam imitar os adultos, muitas vezes sem levar em conta as consequências das decisões tomadas.

A televisão, como transmissora de informações a receptores puramente passivos, promove a inibição do ato de refletir, de analisar, de pensar, inerentes ao ser humano. A criança exposta às manipulações da mídia televisiva sem o acompanhamento de um adulto responsável, assume a posição de receptora passiva e indefesa, assimilando, por conseguinte como permitidas, coisas que ela ainda não possui sequer maturidade para discernir se deve ou não assistir. O uso da violência, dessensibilização, o aumento do medo, o próprio preconceito e desrespeito para com o próximo são outras preocupações decorrentes da influência negativa da televisão na vida das crianças.

O hábito das crianças em assistir televisão horas seguidas é algo a ser levado a sério, pois os objetivos da televisão são moldar a opinião pública, criar hábitos de consumo, estabelecer os ditos padrões de comportamento, definir padrões morais e estéticos, lançar modas e gírias, disseminar valores e crenças, influenciar gosto musical, dentre outros aspectos. Rezende (1989, p. 21) defende que:

Ora, a criança consumidora de tevê, durante várias horas por dia, é privada de duas oportunidades fundamentais ao seu desenvolvimento pleno: falar e reagir. Reduzida à contemplatividade, é sempre ouvinte-vidente – fantoche que não concorda nem discorda, ouve e vê, mas não escuta nem observa, e muito menos duvida ou contesta.

81

O mesmo autor também nos alerta para o fato de que:

Milhões de crianças, no Brasil, passam em média, quatro horas diárias diante de um aparelho de tevê. Tempo equivalente ao que passa na escola. Esse fato, por si só, deve constituir preocupação para adultos, em geral, e, particularmente, para aqueles interessados nos problemas educacionais. O consumo infantil, geralmente acrítico e passivo, sem dúvida terá decisiva interferência na representação que a criança formará da realidade (REZENDE, 1989, p. 4).

Aos pais e responsáveis fica a incumbência de posicionar-se na tomada de atitudes coerentes quanto ao uso da televisão por seus filhos. Caso não o façam, estarão contribuindo significativamente para que problemas educacionais se acumulem e a responsabilidade automaticamente é transferida para os educadores que estarão lidando direta e diariamente com essas crianças no contexto escolar.

TELEVISÃO E O COMPORTAMENTO DA CRIANÇA DE 8 A 12 ANOS DE IDADE

A criança, a partir dos 7 anos de idade, inicia o uso da razão, pois se torna capaz de pensar em abstrato, não se detendo apenas à consciência formada por acontecimentos e fatos

concretos e sendo assim, o sentido de responsabilidade dela aumenta. Seu pensamento, diferentemente das idades passadas, possuem um norteador, um direcionamento, que pondera entre causas e consequências, planeja suas ações tanto na esfera individual como no meio social, as relações que pode ou não construir. É nesse estágio, entre os 10 e 11 anos de idade, que os indícios de rebeldia e criticidade do pensamento tendem a surgir.

Nesta etapa da vida torna-se um tanto difícil o cumprimento do papel de criança já que família, escola e comunidade passam a tratá-la como indivíduo mais independente, a quem certas exigências são feitas, já vislumbrando o caráter a ser construído para o futuro e a quem determinadas prioridades próprias de crianças menores, não são concedidas. É exatamente nesta etapa da vida que a criança, por estar cercada de questionamentos os mais inúmeros possíveis, necessita de diálogo, carinho e boa orientação dos adultos, a fim de sentir que seus pais e educadores confiam nela.

A televisão, presente no cotidiano de todos em maior ou menor grau, exerce forte influência sobre as relações familiares e sociais. A maneira de as crianças de hoje em dia ocuparem o tempo, é muito distinta da forma como isso acontecia na primeira metade do século. No lugar do convívio com os pais e familiares, parentes e amigos, das brincadeiras de roda, das histórias contadas antes de ir dormir, elas passam a maior parte de seu tempo livre dedicada à telinha e suas programações, que abrigam de tudo um pouco: filmes, desenhos animados, novelas, propagandas abusivas, espetáculos humorísticos, programas de apelação sexual, e muitos outros.

É importante avaliar os efeitos nocivos que esses programas causam na vida dos telespectadores, em especial os que estão na faixa etária entre 8 e 12 anos de idade, que buscam respostas para suas mais profundas indagações nas fontes que lhes são mais acessíveis (sobretudo na televisão), uma vez que os pais encontram-se ausentes do lar durante a maior parte do tempo e os poucos adultos com quem essas crianças mantêm contato diário, além do contexto escolar, são em alguns casos os vizinhos ou empregados domésticos, cuja responsabilidade primária não é educar os filhos de outros.

Varella (2002), declara que nunca se assistiu a tanta violência na televisão como nos dias atuais. Afirma que em virtude da enormidade de tempo que crianças e adolescentes das várias classes sociais passam diante da televisão, o interesse pelas consequências dessa exposição é algo lógico; e ainda acrescenta que estudos de campo, publicados pela literatura

médica nos últimos anos revela a existência de relações claras entre a exposição de crianças à violência exibida pela mídia e o desenvolvimento de comportamento agressivo.

O que isso acarreta? As crianças podem facilmente assumir que o que veem na televisão é aceitável, seguro e normal. Pesquisas nos Estados Unidos indicam que crianças que permanecem por mais de duas horas diárias em frente à televisão presenciarão mais do que 40.000 atos de violência até chegarem ao ensino médio, além de cenas de assassinatos, explosões, torturas, assaltos e muitos outros tipos de atividade criminal.

Em contrapartida, muitos não recebem formação espiritual ou moral regular para enxergar a violência de uma perspectiva que demonstre que ela é prejudicial, e que traz consequências devastadoras. Na própria rede televisiva os vilões nunca são punidos e os atos de violência nunca são seguidos de seus efeitos destrutivos nas vidas das pessoas. O resultado é que muitas dessas crianças crescem acreditando que a violência é uma parte normal da vida, que o bandido pode e às vezes deve vencer, e que quando você faz algo ruim, você pode simplesmente ir embora sem prestar contas com ninguém e que ao agir com violência será alguém respeitado na sociedade.

Albert Bandura (2008), defende que as crianças podem facilmente aprender e modelar seu próprio comportamento em conformidade com aquilo que observam na televisão. Outros autores da área de psicologia defendem que crianças que assistem programação repleta de ações violentas apresentam certa tendência a imitar essas ações. Experimentos laboratoriais dele também têm revelado que logo após assistirem programações com cenas de violência, as crianças apresentam um aumento em seus níveis de agressividade.

Para tal, fica aos pais, neste sentido, o encargo de propor aos filhos atividades dirigidas, relacionadas às programações que irão assistir na TV durante o decorrer da semana, por exemplo, listando canais e horários com programações específicas destinadas aos pequenos, indagando sobre o que observaram, de que forma eles podem tirar aprendizados do que viram, etc.

Como componente inevitável da cultura moderna, as sociedades dependem da televisão para as notícias, educação, entretenimento, cultura, clima, música e até mesmo esportes. Auxilia na formação de memórias de longa duração, é especialista na captação de atenção não só dos pequenos, mas também dos jovens e adultos.

Apesar de encarada como uma agente de ininteligência, de alienação, não se pode ignorar as possibilidades educativas que podemos usufruir a partir desse importante meio de

comunicação, pois a televisão como componente das TIC, deve ser utilizada para integrar a escola e a comunidade, a fim de que a educação mobilize a sociedade.

O PAPEL DOS PAIS

Assistir televisão deveria ser algo divertido e relaxante tanto para crianças quanto para adultos – no entanto, na maioria das vezes é uma fonte de conflito familiar. Se a preocupação é a televisão, proibir o uso dela não seria uma solução prática para resolver o problema. Ao invés disso, os pais necessitam aprender a coexistirem com a televisão no gerenciamento do quanto os filhos assistem e o que eles veem.

Uma das melhores formas para minimizar os efeitos negativos das mensagens transmitidas pela televisão às crianças é ensiná-las a raciocinar criticamente sobre o conteúdo que assistem. Elas precisam compreender que tudo que é visto na televisão é uma realidade criada por um grupo de especialistas como diretores, atores, produtores, editores, e que estes defendem seus interesses e pontos de vista.

É preciso também considerar que as crianças precisam identificar a diferença entre a realidade e os estereótipos criados e sentirem-se importantes e respeitadas por ser quem são e não necessariamente terem de imitar algum personagem da televisão, seja de novela, filme ou outra programação.

Aos pais fica a incumbência de educar os filhos para as mídias e, sobretudo para a televisão, a fim de que possam compreender suas intenções, criticar suas programações e utilizar os benefícios que possam ser retirados dela da forma mais abrangente possível.

O PAPEL DA ESCOLA

A criança, ao chegar na escola, já passou por processos educativos no seio familiar e através da mídia eletrônica. Assim como a contribuição dos pais facilitando ou complicando o processo de aprendizagem dos filhos, a mídia televisiva exerce o mesmo papel. A televisão em certos aspectos educa as crianças ao apresentar diante deles o mundo das fantasias, dos sentimentos, das novidades.

Moran (2002) descreve o papel da televisão no processo educativo da criança e cita a dificuldade do educador se contrapor a ela. Para o autor:

A televisão, o cinema e o vídeo - os meios de comunicação audiovisuais - desempenham, indiretamente, um papel educacional relevante. Passam-nos continuamente informações, interpretadas; mostram-nos modelos de comportamento, ensinam-nos linguagens coloquiais e multimídia e privilegiam alguns valores em detrimento de outros. A informação e a forma de ver o mundo, predominantes no Brasil provêm fundamentalmente da televisão. Ela alimenta e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético que crianças e jovens - e grande parte dos adultos - levam para a sala de aula. Como a TV o faz de forma mais despreziosa e sedutora, é muito mais difícil para o educador contrapor (MORAN, 2002, p. 1).

A escola como agente do processo de ensino-aprendizagem subsequente à família, tem a responsabilidade de utilizar-se dos meios disponíveis, inclusive os midiáticos como a televisão, tornando-a sua aliada, para atender de forma significativa as necessidades educativas das crianças.

A televisão com a sua linguagem persuasiva, encantadora, recheada de cores, sons, movimentos, fantasias, diferem bastante de práticas pedagógicas não tão interessantes que são utilizadas nas mais diversas salas de aula. Gadotti (2003, p. 51) afirma que:

A criança passa muito tempo sentada diante da televisão porque sente prazer em ficar lá. O que o professor fala não exerce o mesmo fascínio da TV. Cada vez mais as crianças chegam à escola transportando consigo a imagem de um mundo-real ou fictício - que ultrapassa em muito os limites da família e da comunidade de vizinhos. As mensagens mais variadas - lúdicas, informativas, publicitárias - transmitidas pelos meios de comunicação social entram em contradição com o que as crianças aprendem na escola. Estas mensagens surgem sempre organizadas em rápidas sequências o que, em numerosas regiões do mundo tem uma influência negativa sobre a capacidade de manter a atenção, por parte dos alunos e, portanto, sobre as relações na aula. Passando os alunos menos tempo na escola do que diante da televisão, a seus olhos é grande o contraste entre gratificação instantânea oferecida pelos meios de comunicação, que não lhes exigem nenhum esforço, e o que lhes é exigido para alcançarem sucesso na escola.

O educador tem em mãos as chaves para usufruir das possibilidades de uso da televisão em sala de aula para complementar os conteúdos curriculares que porventura até já tenham sido tratados de alguma forma na mídia televisiva, realizando para isso associação do conteúdo a ser assimilado com aquilo que o mundo social tem representando através de seus mecanismos midiáticos.

A mídia televisiva usada como ferramenta educativa, não deverá sob hipótese algum ter o caráter persuasivo nem tampouco autoritário, mas permitir a construção dos conhecimentos

através do processo de discussão, de reflexão, utilizando-se para isso de dinâmicas apropriadas às necessidades do alunado, mudando dessa forma as relações de hierarquia, quebrando-se os paradigmas, criando um espaço educativo que vise plenamente o progresso do processo de ensino-aprendizagem e seus objetivos.

Os programas que podem ser usados pela escola para discussão de comportamentos, valores e para aprofundamento e/ou apresentação de conteúdos, são os mais diversos possíveis, tais como: seriados, talk-shows⁴, documentários, desenhos animados, novelas, filmes, cabendo ao educador o papel de mediador no processo, intervindo nos momentos apropriados para propor a reflexão, o debate, o compartilhamento de ideias, a possibilidade de soluções para problemas, etc.

Ao levar a televisão para a sala de aula, o educador precisa despertar os alunos a observarem os fatos, sendo eles reais ou não, de forma crítica e mais realista possível, seja realizando comparações com outros fatos apresentados por canais diferentes e/ou em outras fontes de informações como jornal impresso, gibis, revistas, rádio e também discutindo as temáticas transmitidas mediante questionamentos feitos a diferentes telespectadores, etc. Machado (2000, p. 12) expressa o seguinte, em relação a televisão:

Na minha opinião, a televisão é e será aquilo que nós fizermos dela. Nem ela, nem qualquer outro meio, estão predestinados a ser qualquer coisa fixa. Ao decidir o que vamos ver ou fazer na televisão, ao eleger as experiências que vão merecer a nossa atenção e o nosso esforço de interpretação; ao discutir, apoiar ou rejeitar determinadas políticas de comunicação, estamos, na verdade, contribuindo para a construção de um conceito e uma prática de televisão. O que esse meio é ou deixa de ser não é, portanto, uma questão indiferente às nossas atitudes com relação a ele. Nesse sentido, muitos discursos sobre a televisão às vezes me parecem um tanto estacionários ou conformistas, pois negligenciam o potencial transformador que está implicado nas posturas que nós assumimos com relação a ela; e 'nós', aqui, abrange todos os envolvidos no processo: produtores, consumidores, críticos, formadores, etc.

Para que a escola e os educadores exerçam o papel de mediação entre o que a TV transmite e o que é interpretado pelos alunos, faz-se necessário o conhecimento da relação existente entre alunos e televisão, como, por exemplo o tempo que passam assistindo diariamente, se estão sempre acompanhados de um adulto ou não, quais as programações que lhes chamam mais a atenção, como seria o dia-a-dia deles se não houvesse a televisão, etc.

⁴ Programa de televisão, em que um apresentador-anfitrião conversa com pessoas de renome, ligadas a algum fato importante do momento, ou cuja atividade pode ter interesse para o público.

Temos de considerar, todavia, que nos dias atuais a educação não mais é considerada como um mero ato de transferência de conteúdos através de um professor que sabe tudo para alunos que não podem posicionar-se ante ao conhecimento recebido. Sendo assim, não podemos acreditar que o receptor não poderá em qualquer hipótese significar, transformar, recriar aquilo que captou da mídia televisiva, pois até mesmo programas que não são produzidos para educar, proporcionam algum tipo de aprendizagem incidental, à medida que estimulam percepções, desafiam padrões, influenciam em julgamentos. Segundo Napolitano (1999, p.21),

[...] chamamos a atenção dos professores para que percebam como programas pedagógicos e não-pedagógicos desenvolvem certos recursos de linguagem para transmitir conteúdos escolares. A escola e o professor devem saber identificar tais recursos, quais as implicações psicopedagógicas no receptor, em que gênero de programa determinado conteúdo está sendo veiculado, se o conteúdo escolar está sendo revestido por uma mensagem ideológica mais precisa ou não [...].

Os educadores possuem ao seu alcance a oportunidade de auxiliar as crianças na construção de novos significados, reelaboração de mensagens, (re)significação do que assistem na tela da televisão, de acordo com as experiências, visão de mundo, cultura e valores de seus alunos. É válido também mostrar aos alunos a diferença entre a aquisição de determinados conhecimentos na televisão e em material bibliográfico, incentivando-os não a deixarem de assistir televisão, mas de enxergarem-na com outros olhos, sem se deixar ser levado por suas ideologias já prontas e mastigadas.

A escola necessita urgentemente reconhecer que a televisão pode e precisa ser usada como sua aliada. Paulo Freire não era contra a televisão, mas advertia aos educadores que soubessem utilizá-la de maneira apropriada, crítica. Para Freire (2000, p.110),

Não podemos nos pôr diante de um aparelho de televisão “entregues” ou “disponíveis” ao que vier. Quanto mais nos sentamos diante da televisão - há situações de exceção - como quem, de férias, se abre ao puro repouso e entretenimento tanto mais riscos corremos de tropeçar na compreensão de fatos e de acontecimentos. A postura crítica e desperta nos momentos necessários não pode faltar. [...] Mas, se não é fácil estar permanentemente em estado de alerta é possível saber que, não sendo um demônio que nos espreita para nos esmagar, o televisor diante do qual nos achamos não é tampouco um instrumento que nos salva. Talvez seja melhor contar de um a dez antes de fazer a afirmação categórica a que Wright Mills se refere: “É verdade, ouvi no noticiário das vinte horas”. Como educadores e educadoras progressistas não apenas não podemos desconhecer a televisão mas devemos usá-la, sobretudo, discuti-la.

O autor também defendia que, se o educador assistisse a determinado programa com seus alunos, a *práxis* pedagógica seria muito ampla se logo o assunto abordado na tela fosse discutido.

Desse modo, levando em consideração que a televisão, encontra-se tão presente em nossa sociedade e em nosso cotidiano, a escola e os educadores precisam repensar suas práticas a fim de tomarem parte no uso pedagógico efetivo e consciente dessa ferramenta midiática, permitindo às crianças diversas possibilidades de leitura e análise da realidade, (re) criação de significados, posicionamento crítico ante aos apelos da televisão, visando o pleno desenvolvimento do educando para o exercício da cidadania.

A escola, como participante do processo de ensino-aprendizagem, de desenvolvimento dos alunos, de estar na mediação entre o indivíduo e o conhecimento, precisa utilizar a televisão como sua aliada, observando o que nela se passa e levando para a sala de aula com a finalidade de propor discussão com os alunos, exposição dos diferentes pontos de vista a respeito do assunto, auxiliando-os a perceberem os aspectos positivos e negativos das abordagens feitas, fazendo (re) leituras das programações disponíveis e permiti-los avançarem autonomamente no sentido de estarem firmes, fazendo sua da criticidade e seletividade ante as manipulações da televisão, sem para isso usar de imposições nem de maniqueísmos.

Uma prioridade de que o coletivo escolar não pode abrir mão é a formação de telespectadores mirins conscientes, que estejam potencialmente capacitados para re (ler) a televisão sob a visão da ética e da cidadania. A formação de juízos, a elaboração de opiniões, o desvendar da realidade social em que estão inseridos, o reconhecimento de programações sem qualidade, a elaboração de opiniões menos espontâneas, são vários aspectos que necessitam e devem ser trabalhados pela escola para que as crianças estejam preparadas para encarar o mundo.

Por sermos todos participantes de um mesmo contexto social, permeado de influências do meio televisivo, prossigamos tendo em mente que o iniciar de um novo modo de enxergar a nossa realidade dependerá das escolhas que fizermos, de submetermo-nos aos agentes sociais manipuladores e suas ideologias ou de nos mantermos fiéis aos valores que temos agregado no decorrer da vida.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em nossa sociedade sabemos que muitos pais ainda não compreendem o efeito da televisão sobre o modo de agir e comportar-se dos filhos. Não foi nossa intenção posicionarmos-nos como anti ou pró-televisão, mas, por meio de fundamentações teóricas, permitir ao leitor que tenha sua própria opinião sobre esse recurso midiático e seus efeitos sobre o comportamento das crianças, enfatizando, no entanto, um maior aprofundamento sobre os aspectos negativos.

Os pais podem e devem fazer o que estiver ao seu alcance a fim de minimizar os efeitos negativos da mídia televisiva sobre seus filhos. Não necessitando, porém, de reconstruir a forma nem eliminar de uma vez por todas o acesso à TV, mas posicionarem-se como mediadores nesse processo. As crianças precisam saber como devem assistir televisão e os pais são os principais responsáveis pelo acompanhamento de seus filhos e por sua educação. Ver TV ao lado dos filhos, discutir a respeito das programações, estruturar atividades a partir do que é visto na TV, são sugestões que servirão para encorajar as crianças a terem atitude crítica diante das influências sofridas pela mídia.

Nossa visão torna-se otimista quando explicitamos que ao recebermos uma influência negativa da televisão, podemos manipular essa condição em algo educativo e socialmente construtivo. Afinal, os efeitos negativos propositais da TV não precisam necessariamente manter-se como tais, se as chances de transformação desse quadro encontram-se em nossas mãos.

A escola precisa utilizar a televisão como sua aliada, observando o que nela se passa e levando para a sala de aula com a finalidade de propor discussão com os alunos, exposição dos diferentes pontos de vista a respeito do assunto, auxiliando-os a perceberem os aspectos positivos e negativos das abordagens feitas, fazendo (re) leituras das programações disponíveis e permiti-los avançarem autonomamente no sentido de estarem firmes, críticos e seletivos ante as manipulações da TV, sem para isso usar de imposições nem de maniqueísmos.

Uma prioridade de que o coletivo escolar não pode abrir mão é a formação de telespectadores mirins conscientes, que estejam potencialmente capacitados para re (ler) a TV sob a visão da ética e da cidadania. A formação de juízos, a elaboração de opiniões, o desvendar da realidade social em que estão inseridos, o reconhecimento de programações sem qualidade, a elaboração de opiniões menos espontâneas, são vários aspectos que necessitam e

devem ser trabalhados pela escola para que as crianças estejam preparadas para encarar o mundo.

Por sermos todos participantes de um mesmo contexto social, permeado de influências do meio televisivo, prossigamos tendo em mente que o iniciar de um novo modo de enxergar a nossa realidade dependerá das escolhas que fizermos, de submetemo-nos aos agentes sociais manipuladores e suas ideologias ou de nos mantermos fiéis aos valores que temos agregado no decorrer da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresenta-se significativa por trata de discussões presentes na sociedade, que transita no tempo, solicita urgência dos olhares das instituições, principalmente, “família e escola” para os efeitos da televisão na vida das crianças e jovens que cotidianamente destinam um expressivo tempo. Inserir a mídia televisiva é considerar os elementos culturais de cada geração, é estar conectado com as diferentes formas de comunicação dos sujeitos na escola, é aproximar-se da realidade das crianças e jovens, é estar aberto as novas formas de aprender, é oportunizar aos estudantes várias, diferentes leituras e distintas formas de compreender o mundo criticamente.

Ressaltamos a importância da formação docente inicial e continuada que contemple o uso das tecnologias como ferramenta pedagógica, não só para os professores, como coordenadores pedagógicos e gestores, a fim de que possam ter melhor compreensão da relevância. O professor precisa compreender as mídias como ferramentas para o seu trabalho, uma aliada que só tem a contribuir no desenvolvimento da sua atividade profissional. Sua utilização na prática docente não deve ser encarada como uma obrigação ou uma exigência imposta ao professor, mas, como uma mudança que se faz necessária diante das transformações sociais.

Conforme o exposto neste artigo, ratificamos a relevância dos pais estarem atentos as programações que seus filhos assistem, observarem, dialogarem e compreenderem o que pensam sobre as questões expostas na televisão e nas demais mídias. É fundamental a orientação acompanhada da explicação, que crianças e jovens possam entender, discernir e optar por programações veiculada na telinha que tenham propostas com conteúdo significativos, que venham agregar valores a sua vida.

REFERÊNCIAS

- BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLIDORO, S. **Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BOYER, E. L. **Ready to learn: a mandate for the nation**. Princeton: Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching, 1991.
- CÁDIMA, Rui. **Estratégias e discursos da publicidade**. Lisboa: Veja, 1997.
- FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: Unesp, 2000.
- GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. Nova Hamburgo: Feevale, 2003.
- MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.
- MORAN, José M. **Desafios da televisão e do vídeo à escola**. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacao/desafio.pdf Acesso em 10 jun 2015.
- _____. O vídeo na sala de aula. **Comunicação e Educação**. São Paulo, v. 2, n. 2, jan.-abr., 1995, p. 27-35.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.
- REZENDE, Ana L. **A tevê e a criança que te vê**. São Paulo: Cortez, 1989.
- VARELLA, Drauzio. **Violência na TV e comportamento agressivo**. Disponível em: <HTTP://www.drauziovarella.com.br/ExibirConteudo/605/violencia-na-tv-e-comportamento-agressivo>. Acesso em 01. jun. 2015.